

RECENSÃO CRÍTICA

Innerarity, Daniel (2019). *Política para Perplexos*. Lisboa: Porto Editora, ISBN 978-972-0-45-03232-4, 214 pp.

JOÃO CARLOS SOUSA

joao.carlos.sousa@iscte-iul.pt

Doutorando em Ciências da Comunicação do ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa (Portugal) e bolseiro da Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Mestre em Sociologia: exclusões e políticas sociais (Universidade da Beira Interior) e Licenciado em Sociologia. Foi bolseiro de Investigação nos projetos *Agenda dos Cidadãos: jornalismo* e *Participação cívica nos media portugueses e público e privado em comunicações móveis*, desenvolvidos no LabCom da Faculdade de Artes e Letras da Universidade da Beira Interior. É investigador do OberCom.

Daniel Innerarity em “Política para Perplexos” dá continuidade à reflexão encetada no rescaldo da Grande Recessão (Innerarity, 2016) sobre os atuais desafios que se colocam às democracias contemporâneas, ensaiando as bases éticas e culturais para a possibilidade de um novo contrato social. Um contrato social alicerçado na confiança entre cidadãos, mas também entre estes e as diversas instituições que sustentam a democracia liberal. Para tal, proem-nos a substituição de uma democracia de maioria, por uma *democracia de negociação*, dando prossecução a um “velho” ensejo teórico do autor (Innerarity, 2012). Enquanto desiderato das sociedades contemporâneas, a *democracia de negociação* corresponde em primeira linha, a um objetivo e correto diagnóstico das patologias e disfuncionalidades das democracias ocidentais hodiernas.

Para quem percorre as 214 páginas que compõem a obra, fica com a clara sensação que o autor basco é dotado de uma ímpar argúcia observacional da realidade, o que lhe permite verter em texto simples e claro, acessível àquele leitor não especialista, mas ávido de conhecimento da vida em comunidade, toda uma reflexão da condição política atual. A leitura da obra em análise é relevante tanto para especialistas em comunicação política ou ciência política, mas também para aqueles curiosos, que indagam as representações que no dia-a-dia são construídas em contexto de copresença (por exemplo, interação em contexto de café ou familiar), mas sobretudo aquelas, com as quais contactamos diariamente, através dos diferentes meios de comunicação tradicionais e/ou digitais. A obra encontra-se estruturada em seis partes, sendo que cada uma destas se desdobra em diversos capítulos.

I O Fim das Certezas - A condição perplexa resulta da abertura sem limites dos horizontes do possível. Perante alterações estruturais, existem aqueles que têm certezas absolutas



acabando fanatizados. Por outro lado, ganha expressão pública o chamado “politicamente correto”. A incerteza dissemina-se pelos diversos domínios da atividade social. A política em tempos de perplexidade expressa-se em: incapacidade preditiva das sondagens que monitorizam o comportamento político; a primazia da subjetividade na análise do fenómeno político; e conceitos antiquados face às exigências atuais. Neste contexto, existem duas formas de reação por parte dos atores políticos: por um lado, o apelo conservador à autenticidade e não intervenção na realidade (conformados); por outro lado, a crítica radical que resulta num não-entendimento da realidade, como são exemplificativas as propostas populistas um pouco por todo o mundo. O autor basco defende que a esquerda contemporânea deve centrar-se na redistribuição e na mitigação das iniquidades criadas pelo processo de globalização económica e capitalista. A direita foca-se na ação do Estado no combate à criminalidade, dando prioridade às questões da segurança.

Tanto as esquerdas como as direitas tradicionais legam a sua incapacidade e inércia, no domínio político, no papel desregulado da globalização financeira. Assim, a direita assume a globalização e a ineficácia da ação do Estado como uma “realidade indiscutível”. A esquerda, por seu lado, assumindo uma clara postura de resistência ao processo de globalização económica, insiste, segundo Innerarity, em não compreender os emergentes marcos norteadores da ação política contemporânea. Na esfera pública as “velhas” esquerdas e direitas distinguem-se discursivamente. A direita recorrer a factos e dados com capa de objetividade, tendendo a limitar os horizontes aspiracionais do próprio debate. Por seu lado, na esquerda sucedem-se a ritmo vertiginoso os apelos à imaginação e crítica. Num espaço público crescentemente espetacularizado, em que o estatuto de cidadão foi progressivamente substituído pelo de consumidor, o jornalismo vê-se abraços com a concorrência oriunda de um cada vez maior número de especialistas participantes no debate público.

II A Desregulação Emocional – Innerarity inicia a segunda parte do ensaio postulando que as emoções têm pautado crescentemente a atividade em esferas tão diversas como a economia, a guerra e mais vincadamente a política. Estruturas sociais onde se exprimem estados de ansiedade, de ira, de confiança, constituem-se como eixos de transformação social. Neste quadro circunstancial os *media* desempenham um papel charneira. Num primeiro plano, o autor coloca os *media* tradicionais como definidores do agendamento que emanam estados emocionais. A jusante, encontram-se os *media* sociais que fomentam a existência de bolhas emocionais em torno de casos particulares. Com efeito, multiplicam-se os atores que se diferenciam e vingam no espaço público pela sua agressividade discursiva e inconsistente sinceridade: “quem é mais ofensivo ganha maior atenção na esfera pública” (2019: 66).

Innerarity (2019: 66-67) questiona “(...) e se os meios de comunicação estivessem a potenciar e a alimentar a impotência democrática, isto é, a inflamar as nossas expectativas, enfatizando as incapacidades coletivas, amplificando os nossos medos e oferecendo uma atenção maior aos provocadores?”

III A Política numa Zona de Sinalização Escassa – O autor parte para a reflexão relativa ao populismo a partir da distinção conceptual da autoria de Chantal Mouffe entre populismo de radicalização democrático e populismo autoritário, associando-os



respetivamente à esquerda e direita política. Contudo, alega que esta distinção não toma em linha de conta a pluralidade democrática. Ambos os populismos excluem mais, do que integram. Afinal de contas, todos os populismos adotam uma retórica assente na exclusão: povo vs elite; eles vs nós; casta vs povo etc.. Sendo o populismo a mais marcante expressão política contemporânea, as tradicionais esquerdas e direitas reiteram o seu anti populismo. Para a esquerda, o populismo é ainda pouco atrativo na medida em que este é insensível às desigualdades e iniquidades produzidas em processos sociais e políticos que evoquem a reconstrução das estruturas sociais; por outro lado, as direitas obstinadas com a estabilidade veem na pulsão reformadora ao nível institucional dos populistas, uma ameaça à almejada estabilidade. O *Brexit*, enquanto fenómeno político, constitui-se como o evento político típico. Para o autor resulta de uma “fuga para a frente” por parte dos britânicos e em particular das suas elites políticas, dispensando qualquer método da democracia representativa, assumindo contornos plebiscitários. Deste modo, este processo deve ser encarado como um duplo paradoxo: o primeiro é de que ao contrário do alegado pelos apoiantes do *Brexit*, o Reino Unido não estará completamente fora da União Europeia, como é o caso da legislação da União Europeia; o segundo revela-se na crescente tensão entre os impulsos plebiscitários e os tramites da democracia representativa. A democracia direta traduzida na realização de um referendo tem o condão de trespassar a sensação de empoderamento do cidadão, embora no final de contas estejam sempre dependentes da aplicação e execução por parte das diversas instituições da democracia.

IV A Democracia na Era de Trump – As últimas eleições presidências norte americanas foram sobretudo norteadas pelo eixo republicanismo cívico vs elitismo liberal-conservador. O primeiro tinha em Trump e Sanders os seus primordiais representantes, ao passo que o segundo tinha nos partidos Republicano e Democrata as suas forças mais representativas. No caso de Trump ao centrar-se no capitalismo de proprietário face à globalização financeira, reafirma o esgotamento do paradigma multicultural, ainda que sem coerência e objetividade, traduzindo o descontentamento do povo. Alia a esta estratégia, o simplismo comunicacional e telegénico, tirando proveito da decadência da própria cultura cívica. Esta nova clivagem é balizada por um lado, pelo capitalismo clássico e por outro lado, pelo capitalismo financeiro criativo. Neste eixo, confrontam-se as ideias de um desenvolvimento industrial essencialmente nacional e que tem como grande interlocutor o Estado-nação. Nos antípodas está a economia financeirizada dos mercados globais que têm como epicentros Silicon Valley e Wall Street. O alvo do movimento populista é sobretudo o multiculturalismo impregnado na globalização económica. O autor propõe uma nova conceção de justiça que deverá passar não só pela redistribuição, mas também pelo reconhecimento.

V Configurar Sistemas Inteligentes – A política, nas últimas décadas, viu de forma radical ser alterada a sua função. Esta metamorfose é só comparável àquela que ocorreu há quatro séculos aquando da emergência dos Estado-nação. As transformações ocorreram ao nível estrutural, isto é, ao nível das coordenadas globais: globalização da atividade económica, emergência da sociedade do conhecimento, individualização dos estilos de vida e ocidentalização das sociedades. As implicações concorrem para três grandes tipos de disfuncionalidades políticas: primeiro, ineficácia da ação política no âmbito do que seria expectável; segundo, inoperacionalidade perante problemas inéditos e novos



formatos; terceiro, incapacidade de identificar novos problemas. Estamos perante um défice de inteligência política que se confronta quotidianamente com a versatilidade e dinamismo de outras esferas: euforia tecnológica vs analfabetismo cívico; inovação tecnológica vs redundância social; cultura científica e económica críticas vs espaço político anacrónico. No final de linha, o autor defende que se deve melhorar os sistemas que nos defendem contra as próprias pessoas, contra os erros produzidos de forma deliberada ou inadvertida, porque no final “o próprio medo é um instinto que nos defende de nós mesmo” (2019: 191).

VI O Que Nos Espera – O diagnóstico, enquanto ofício do intelectual público, é uma responsabilidade deste agente relativamente aos seus concidadãos e demais comunidade envolvente. Ainda que sem conseguir prever o futuro, o bom diagnóstico é essencial para enfrentar de forma razoável a incerteza e imprevisibilidade atuais. Três pistas com potencial prospetivo: primeira, crescente incerteza; segunda, intensa volatilidade dos padrões sociais e políticos; terceira, necessidade de aperfeiçoamento dos conceitos que norteiam a reflexão e definição de estratégias. A obra termina em tom de otimismo, embora não se deva branquear os hercúleos desafios que se põem às sociedades em geral e às instituições e atores políticos em particular. Com efeito, o otimismo em detrimento do pessimismo enquanto regra básica de reflexão social é peça basilar na montagem do complexo puzzle sociopolítico. Existem duas boas razões para preterir o pessimismo e dar prioridade ao otimismo: a narrativa da história da humanidade pode não caminhar para pior; a conclusão é sempre inimiga da reflexão e da interpolação prospetiva do social e do político.

Notas a reter e a desenvolver

Na obra que suporta a presente reflexão o autor basco, assume, ainda de forma implícita, o papel de intelectual público. Ao abrigo deste ensaia um novo contrato social cosmopolita, que tem as bases em princípios de tolerância, diálogo entre diferentes estados e entre diferentes nações dentro dos próprios estados. Embora ao longo da obra sejam alguns indícios de crítica aos passos dados pelas democracias ocidentais e em particular às titubeantes repostas destas aos diferentes movimentos populistas, Innerarity no final esboça um moderado otimismo, em concreto na resposta ao maior desafio político das primeiras décadas do século XXI – o recrudescimento dos populismos e os nacionalismos que lhe dão guarida com uma ambiciosa proposta cosmopolita que sirva de diálogo intercultural e político.

Tanto as esquerdas como as direitas tradicionais legam a sua incapacidade no campo político, tendo a globalização como pano de fundo argumentativo. No caso particular da direita o recurso à “realidade indiscutível” tem como caso mais paradigmático o “consenso ordoliberal” que se impregnou em algumas instituições da União Europeia e Estados-membros, para além do domínio patenteado na esfera pública e mediática um pouco por todo o continente europeu.

A questão levantada na segunda parte por Innerarity, acerca do papel dos *media* na atualidade, impele-nos a considerar os seguintes aspetos: primeiro, passa por abordar todas as transformações dos *media* tradicionais nas últimas décadas, como por exemplo



a mercantilização (Cardoso, 2016); o segundo ponto versa sobre a relação entre estes *media* e os *media* sociais, em particular o Facebook e o Twitter; o terceiro ponto assenta na forte desintermediação da comunicação de massas (Bruns & Humphreys, 2007); uma quarta questão e em consequência da desintermediação comunicacional, atores políticos, mormente populistas, têm tirado intenso proveito do estabelecimento da ligação direta, com uma vasta audiência e seguidores, descartando a mediação jornalística. Este é aliás, um possível ponto para o facto de os *media* tradicionais serem um alvo frequente da ira discursiva de líderes e movimentos populistas num vasto conjunto de democracias.

É nesta linha de raciocínio, que Innerarity nos fala de “desregulação emocional”. O estado de ebulição emocional exprime-se na crescente ansiedade e desconfiança, que transpassam no quotidiano, constituindo-se como vetores de mudança social e política. O facto de um autor, como Innerarity, sinalizar estas transformações associadas às emoções na esfera pública e em particular na política, é um indício importante, de que este será um campo de estudo emergente e que nas próximas décadas promete consolidar-se, em particular nos domínios do comportamento eleitoral e comunicação política em rede.

Referências

- Bruns, A. & Humphreys, S. (2007). Building collaborative capacities in learners: The M/cyclopedia project revisited. *Proceedings of the Conference on Object-Oriented Programming Systems, Languages, and Applications, OOPSLA*: 1–10.
- Cardoso, G., Santos, S. e Telo, D. (2016). *Jornalismo em Tempo de Crise*. Lisboa: Mundos Sociais.
- Innerarity, D. (2011). *O Futuro e os seus Inimigos*. Lisboa: Editorial Teorema.
- Innerarity, D. (2016). *A Política em Tempos de indignação*. Lisboa: Dom Quixote.
- Innerarity, D. (2019). *Política para Perplexos*. Lisboa: Porto Editora.

Como citar esta recensão crítica

Sousa, João Carlos (2022). Recensão crítica de Innerarity, Daniel (2019). *Política para Perplexos*. Lisboa: Porto Editora, ISBN 978-972-0-45-03232-4, 214 pp. In Janus.net, e-journal of international relations. Vol. 13, Nº 1, Maio-Outubro 2022. Consultado [em linha] em data da última consulta, <https://doi.org/10.26619/1647-7251.13.01.2>

